

**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção  
7, 8 e 9 de setembro de 2012

**SOMOS A CLASSE SUBALTERNA EM REVOLTA: A COMUNA DE PARIS E A  
REVOLTA DA CHIBATA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PARA AS AULAS  
DE HISTÓRIA.**

**Edson Wilson Mendes de Almeida<sup>24</sup>**

Prof.edson.wilson@hotmail.com

**RESUMO**

Os livros didáticos para alguns professores são a base do seu ensinamento. O que fazem é apenas transmitir o que se encontra nos livros para os discentes a sua frente. Outros professores usam o livro como um guia prático, onde não se prendem aos livros e sempre estão em busca de novas informações para enriquecer suas aulas. As duas obras apresentadas neste artigo possuem uma semelhança singular. Seus temas, quando aparecem nos livros, são, geralmente em “boxes”, separados do corpo do texto central na maioria dos livros. Estas **classes subalternas em revolta** ganharam versões na arte sequencial, também conhecida como história em quadrinhos, de forma singular e bem trabalhada pelos seus idealizadores. *O grito do povo* e a *Chibata! João Candido e a revolta que abalou o Brasil*, lançados pela Editora Conrad.

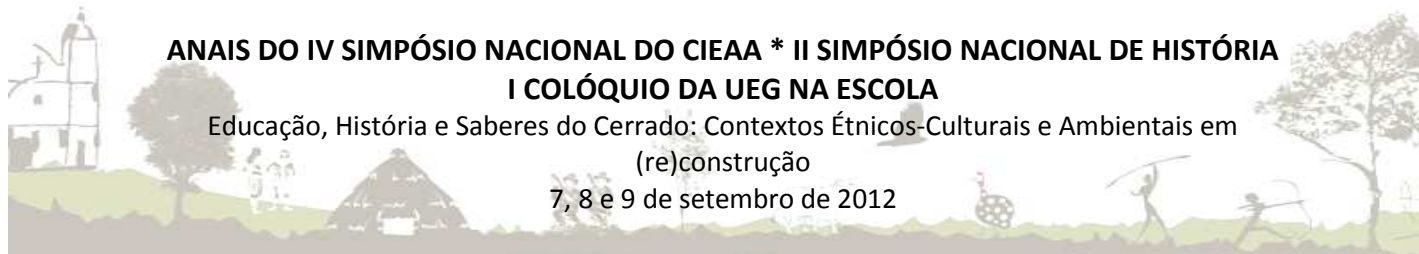
**PALAVRAS CHAVES:** História em quadrinhos, subalternos, revolta.

*‘Here comes the revolution  
Time for retribution’  
Judas Priest - Revolution*

Ao abrir um livro didático de história, alguns eventos ganham páginas e mais páginas, enquanto outros temas, se muito ganham dois ou três parágrafos é tido como suficiente ou mesmo satisfatório. Esta colocação vale, em muito pela importância do fato, para um determinado grupo social ou pelo impacto que o evento adquiri. Sendo assim temos eventos

---

<sup>24</sup> Graduado pela UEG – Unidade Formosa em 2004 em história. Pós-graduação Lato Sensu UEG – Unidade Formosa em 2006 em História Cultural. Professor da SEE-GO desde 2005, atualmente ministrando aulas de história no C. E. Complexo 10 – Planaltina-GO.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

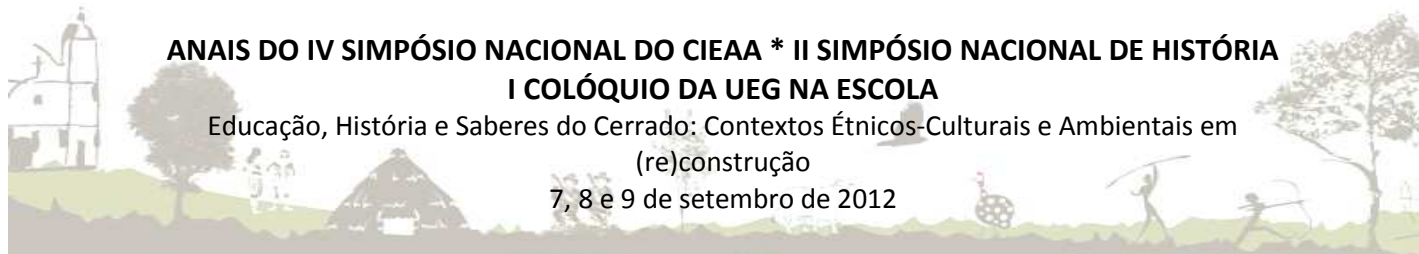
como a Revolução Francesa e a Revolta da Vacina. Com o primeiro temos um marco inegável de mudança social, política e econômica que afetou não apenas a França, mas que em seu desenrolar dos fatos alcançou Espanha e Portugal na Europa, e, por conseguinte as colônias europeias na América. No segundo caso o alcance é menor, tanto em espaço quanto no tempo, onde a cidade do Rio de Janeiro sofre com a falta de informação do governo para com sua população ao realizar a primeira vacinação compulsória do Brasil.

Outros eventos apenas entram para os livros ou para uma sala de aula como uma curiosidade, ou mesmo para salientar que algo ocorreu naquele período com um determinado grupo. Neste segundo caso as duas obras aqui relacionada são um perfeito exemplo, *A Comuna de Paris* e *a Revolta da Chibata*. No caso da primeira, em nossos livros de história pouco ou quase nada é falado sobre a tomada da cidade de Paris por pessoas comuns, dispostas a por um fim na humilhação que sofriam e o completo descaso do governo com os estes cidadãos. Com o segundo caso, o evento sempre é citado, mas algumas vezes de forma rápida e superficial.

Os dois eventos ganharam versões na arte sequencial, mas conhecidas como histórias em quadrinhos, de forma completamente diferente ao qual é tratada nos livros. Em ambos os casos temos o que chamamos de quadrinhos “históricos”, ou seja, retratam um ambiente anterior, e algumas vezes distante, do momento ao qual foi produzida, obrigando seus realizadores a fazerem uma pesquisa, por menor que seja. Apesar de ainda serem vistas como uma arte menor ou mesmo uma alegoria por alguns profissionais da educação, a arte sequencial avança de forma lenta para se colocar, não como um mero suporte, mas sim como um recurso pedagógico com o intuito de enriquecer o aprendizado dos estudantes.

Em *O grito do povo* de Jean Vautrin (argumento) e Jacques Tardi (arte), lançado no Brasil pela Editora Conrad, temos uma história que amalgama de forma brilhante à ficção com a não ficção. Personagens ficcionais são postos ao lado daqueles que fizeram a revolta na Paris de 1871 de forma a nos trazer a situação do francês subalterno e esquecido por uma elite burguesa e por militares arrogantes e incompetentes em uma cidade que mescla o esplendor e a miséria.

Em *Chibata! João Candido e a revolta que abalou o Brasil* de Olinto Gadelha Neto (roteiro) e Hemeterio (arte), lançado também pela Editora Conrad, temos a Revolta da Chibata feita por marinheiros negros sofridos e humilhados por uma elite branca nos navios brasileiros. Temos uma biografia de João Candido, O Almirante Negro.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

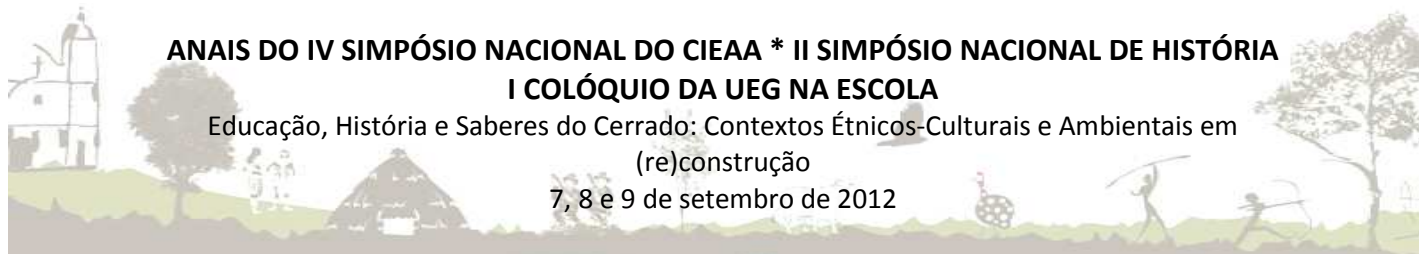
Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

A Paris do século XIX esteve entre o enaltecimento e a sublevação. Entre a força de Napoleão Bonaparte e suas conquistas, políticas, sociais e econômicas, em conjunto com a restauração da cidade realizada pelo Barão de Haussmann durante governo de Napoleão III a cidade tornou-se um exemplo de elegância, nobreza e modernização, servindo de modelo para outras cidades, como Rio de Janeiro. Por outro lado a população foi às ruas em revolta lutando por melhores condições em três momentos distintos. Nos livros educacionais todos os eventos são postos em um único capítulo de forma comprimida e breve. O ponto, possivelmente mais importante é a entendimento de que em dois eventos, neste incluindo a Revolução Francesa, a grande massa foi apenas usada por uma burguesia desejosa para alcançar suas vontades políticas.

O conservadorismo de Carlos X, assumiu o trono em 1824, tentou restabelecer o poder e os privilégios, tanto da aristocracia, quanto do clero, que havia perdido seus poderes perante a Revolução Francesa de 1789-1799 e para o governo de Napoleão. As eleições de 1830 conduziu os opositores liberais a uma vitória para na câmara. Em reação, Carlos X dissolveu a casa recém-eleita. Os revolucionários ganharam as ruas de Paris em protesto contra as atitudes reais. A Revolução de 1830 tinha em suas fileiras membros da burguesia, trabalhadores e estudantes. A burguesia conservadora e abastada liderou os passos da revolta, evitando o radicalismo republicano, lembrando a disputa entre jacobinos e girondinos, ao qual o primeiro grupo, tinha uma visão mais centralizadora de governo venceu o segundo grupo que acreditava em um governo mais próximo dos trabalhadores. Carlos X abdicou do trono logo em seguida a Revolução, cedendo lugar a Luís Felipe. A burguesia sai ganhadora ao fim do processo, situação amplamente diferente dos trabalhadores, que se viram traído, pois suas reivindicações não foram se quer ouvida.

Passados dezoito anos, a classe subalterna não havia ganhado nada. O governo de Luís Felipe defendia um tratamento igual a todos perante a lei, mas restringia a democracia. Uma sucessão de problemas econômicos e dificuldades políticas ruíram as bases de sustentação do governo. Mas uma vez temos a união de estudantes e trabalhadores, alguns ligados ao movimento socialista, com a burguesia, desta vez reduzida, aqueles que haviam ficado a margem do poder. Sem apoio e enfraquecido, Luís Felipe abdica do trono. Em seu lugar uma República Liberal Burguesa assume o controle francês. A Revolução de 1848, também conhecida *Primavera dos Povos* espalhou-se pela Europa, atingindo muitos impérios e derrubando reis, como o da Áustria, onde o Chanceler Metternich foi levado a abdicar do comando da nação. Em Paris, a população foi as ruas, com barricadas envolvendo homens,



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

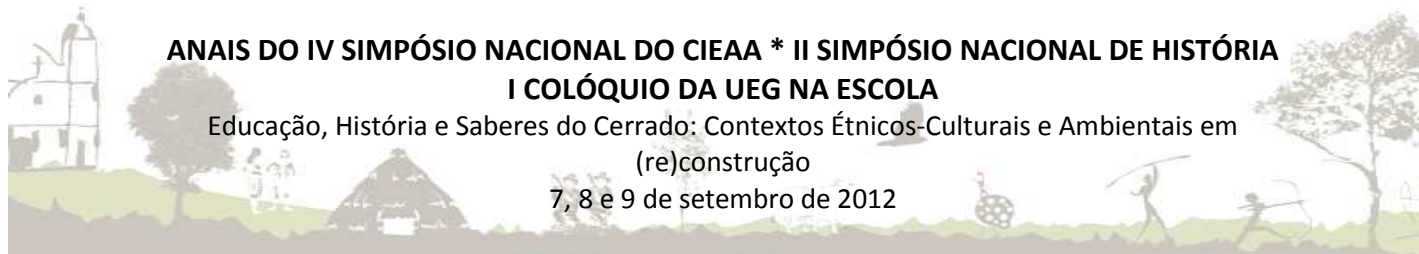
Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção  
7, 8 e 9 de setembro de 2012

mulheres e crianças. Ao fim de três dias de duras batalhas, o governo francês saíra vencedor. Mais uma vez o trabalhador perdera para uma burguesia cada vez mais forte.

Ao fim da Revolta de 1848, Luís Bonaparte é eleito como presidente da República com 73% dos votos. Por meio de um plebiscito, em 1851, a república francesa chega ao fim e ocorre a restituição do império francês, Luís Bonaparte recebe o título de Napoleão III. O “pequeno Napoleão”, alcunha pejorativa, acalmara liberais, republicanos, socialistas, trabalhadores e burgueses, mesmo entrando em contendas desastrosas para o Estado francês. Entre as ações de Napoleão III, seu apoio ao prefeito de Paris Barão Georges Eugéne Haussmann, para a modernização e embelezamento da cidade de Paris. Sua intensão concentra em tornar a cidade mais bela e imponente ao mesmo instante que procura por um fim nas ruas estreitas, pondo um fim as barricadas e insurreições, como ocorrerá nas revoltas de décadas anteriores. Para tal feito, a classe trabalhadora foi “posta para correr”, com a demolição dos velhos casebres que resistiam bravamente no centro da cidade, dando lugar aos bosques suntuosos e luxuosos palácios. Esta nova organização colocaria um fim as barricadas, ora visto que as ruas sinuosas e estreitas permitiam o contato direto entre civis e soldados. Com avenidas largas e retas, os famosos bulevares, permitiriam a entrada de canhões na cidade, caso fosse necessário usar contra os insurgentes, massacrando aqueles que seriam contra os governantes. Paris surge das cinzas, elegantes e homogeneizadora, inspirando cidades europeias e americanas a modificarem suas estruturas, não com a mesma intensão de sufocar sua própria população, mas sim com o objetivo da beleza. Entretanto a população pobre foi lançada a periferia suja e imunda desta cidade esplendorosa.

Com sua política expansionista, Napoleão III conduziu a França a uma guerra fútil, com motivos banais para e sem propósito contra a jovem Alemanha do Chanceler de ferro Otto von Bismarck, conhecida como Guerra Franco-Prussiana, ao qual sela o destino do “Pequeno Napoleão”. O motivo do conflito encontrava-se fora dos territórios francos e germânicos, a sucessão do trono espanhol, requerido pelo parente de Guilherme I, Leopoldo. Napoleão III temia o crescente poder do rei Prussiano, tentou evitar, primeiro de forma política e diplomática, como suas ações não surtiram efeito, ocorreu de deflagração do combate.

Contando com uma elite confiante em seu poder e sua gloria vinda de tempos não tão distantes. O exército francês, comandado por generais arrogantes, prepotentes e principalmente incompetentes não deram conta nem dos primeiros ataques da força bélica



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

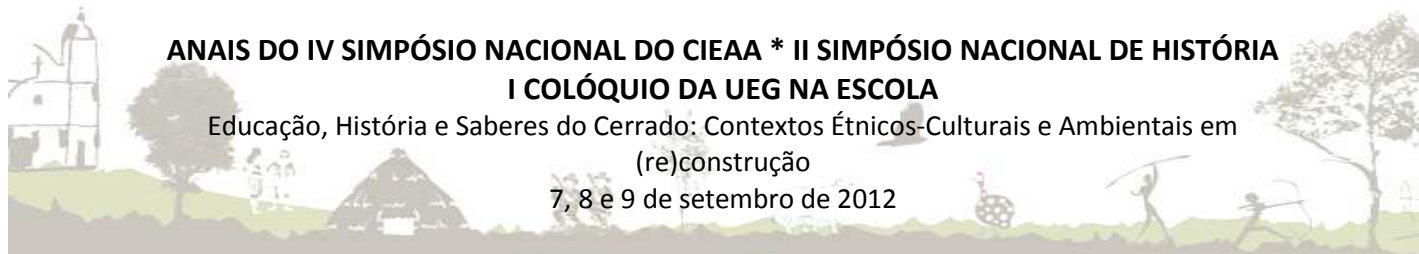
prussiana, ao qual se unira tanto o norte quanto o sul para esmagar as tropas francesas e capturar Napoleão III. Em janeiro de 1871 os franceses se renderam. A França humilhada teve de pagar uma indenização, as provinciais fronteiriças de Alsácia e Lorena passaram a ser administrado pela Alemanha e, para a completa humilhação dos franceses, Guilherme I foi coroado imperador do Segundo Reich na sala dos espelhos do Palácio de Versalhes.

Porém Paris resistiu ao ataque. Não os burgueses liberais. Não os nobres arrogantes. Não o governo provisório de Adolfo Thiers. Mas a **classe subalterna**, trabalhadores, operários, donas de casa, lavadeiras, estudantes, prostitutas, soldados de baixa patente, enfim, a gente miúda, em posse do povo havia cerca de 500 fuzis, 146 metralhadoras, 271 canhões, 417 armas de diversos calibres, apontadas contra as tropas francesas e o exército prussiano. Em defesa de suas casas, de sua cidade e de seu país foram as ruas, pegaram em armas, conseguiram canhões e acreditaram, por alguns meses que poderiam ensinar algo aos burgueses que se venderam para os germânicos. O romance de Jean Vautrin foi adaptado para os quadrinhos pelas mãos hábeis de Jacques Tardi, unindo fatos reais com a ficção, porém sem deixar de ser realista, não procurando salvar aqueles que levantaram a primeira administração comunista, durante os dias de 18 de março a 28 de maio de 1971, a Federação Republicana da Guarda Nacional defendeu a cidade, suas casas, seus trabalhos dos invasores e de seu próprio governo que os abandonou.

*O grito do povo* original foi um jornal produzido por Jules Vallès durante a Comuna, para servir de informativo periódico aos parisienses. Sua figura não aparece no quadrinho, mas obra é lembrada à todo momento, por várias vezes aparece o informativo nas mãos de algum personagem.

A pesquisa para retratar a cidade de Paris, realizada primeiro por Vautrin em seu romance e posteriormente por Tardi. Somos colocas dentro desta cidade modificada. Ruas, bulevares, prédios, palácios, residências, periferia, bosques, assim como as vestimentas, tantos dos subalternos, seja as fardas, as roupas dos operários, os vestidos das prostitutas ou a elegância da burguesia. Nada que poderia ser retratado ou mostrado foi esquecido.

A política dos *comunards* realizou mudanças tão profundas e amplas, que poucos governos conseguiram alcançar suas realizações. Estas mudanças estão presentes na obra de forma direta, na fala ou ação dos personagens, nos quadros de recordatórios ou mesmo fazendo uso de legendas para explicar os eventos que ocorrem simultaneamente aos fatos ficcionais. Pela primeira vez o voto foi universal e facultativo, onde até os estrangeiros



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnico-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

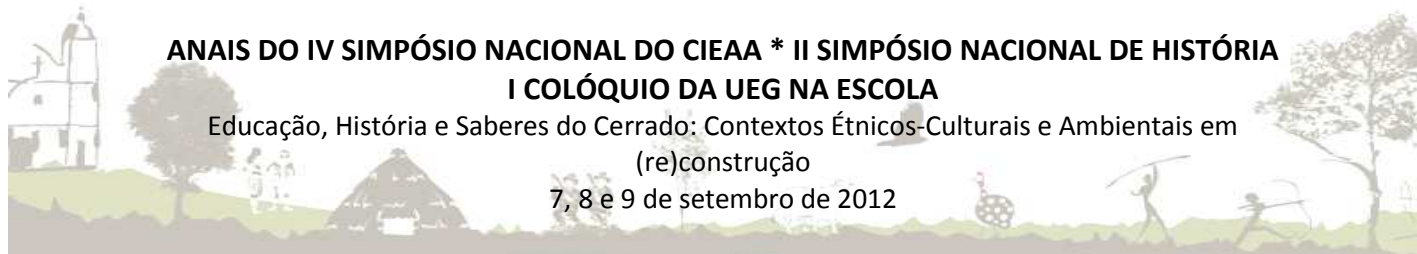
residentes em Paris poderiam votar, pois acreditava que deveriam participar do processo, caso assim desejassem.

Em *O grito do povo*, acompanhamos a trajetória de Edmond Troncard, do desertor capitão da guarda Tarpagnen, da prostituta Gabriellado, também conhecida como Caf Conc, do jovem Ziquet, da trupe circense de Marbuche, do comissário Grondin, enfim, pessoas comuns, com desejos simples, de estarem numa sociedade justa onde seus amores não sejam punições. Assim como os *comunards*, não temos um grande herói, pois todos que estavam ali se tornaram grandes homens num momento de desespero.

A Editora Conrad uniu a trama em duas edições, *Os canhões de 18 de março (vol. 1)* e *O Testamento das ruínas (vol. 2)*, diferente do original, onde foram lançadas em quatro edições: 01. *Os canhões de 18 de março*; 02. *A esperança assassinada*; 03. *As horas sangrentas*; 04. *O testamento das ruínas*. Neste sentido, primeiro somos apresentados as tramas menores, que podem parecer distantes do evento central. O amor de uma prostituta por um capitão da guarda, porém este amor será destruído pelos acontecimentos relâmpagos ao qual a Comuna sofre. O jovem Ziquet deixa de ser ajudante de carroceiro para ser um soldado empunhando um fuzil. O injustiçado Grondin, que busca aquele, ao qual acredita ser o assassino de sua filha, sofre por sua busca nas mãos dos *comunards*, quando nas ordens dos seus superiores. Ao fim, o destino destes personagens se resume ao ataque final do exército francês. Ficcionalis ou reais, o que temos não é uma glamorização ou um salvamento destes personagens. Eles padeceram, tombaram perante as balas daquele que deveria defender e proteger o povo francês.

A *Revolta da Chibata* obteve um final diferente, não tendo o derramamento de sangue dentro da cidade, como na *Comuna de Paris*, os amotinados marujos encontraram um fim “discreto”, organizado pelo Estado e pelos militares. Os motivos da revolta também são bem diferentes, o Brasil não estava em guerra, não havia uma crise financeira assolando a vida dos brasileiros e a reforma da capital da República já havia ocorrido. Em 1904, ocorreu a *Revolta da Vacina* contra a obrigatoriedade da vacinação posta pelo governo Federal. Ter um herói é outra diferença entre as duas revoltas, seja no *Comuna*, seja no “Grito do Povo”, não temos um, diferente da *Revolta da Chibata*, com a presença de *João Candido*, que receberá a alcunha de *O Almirante Negro*.

Uma semelhança entre as duas revoltas é a falta da presença da classe média. A *Revolta da Chibata* foi um movimento organizado por marujos, em sua grande maioria,



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

negros e mulatos que sofriam as piores punições dentro dos navios de guerra do Brasil, é a **classe subalterna em revolta** contra uma situação que lembrava os tempos da escravatura. Fazemos um retrospecto, assim como o feito com *Comuna de Paris*, para compreender a *Revolta da Chibata*.

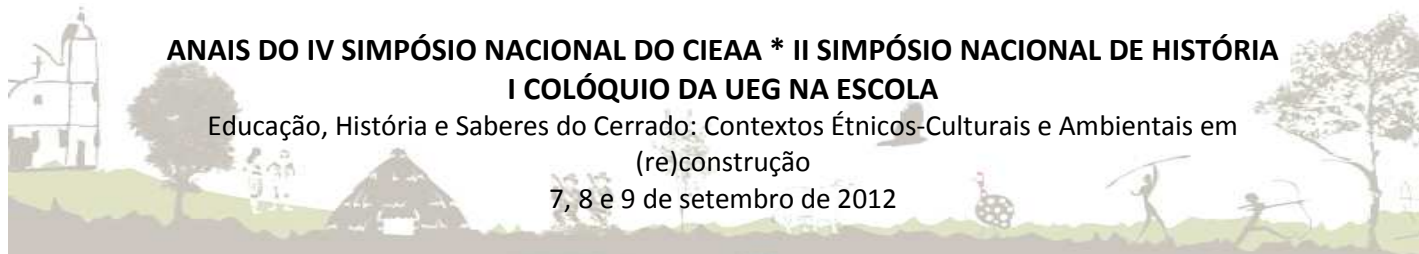
Em 1888, a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, pondo um fim aos tempos da escravidão. Em 1889, ocorreu a Proclamação da República, concluindo o reinado de D. Pedro II e finalizando o Império Brasileiro. Um dia após a Proclamação os castigos físicos foram abolidos da Marinha do Brasil. Entretanto o mesmo não ocorrera nos realmente nos navios brasileiros, ao qual havia um código de punições severas para marujos caso o mesmo cometesse uma infração:

"Para as faltas leves, prisão a ferro na solitária, por um a cinco dias, a pão e água; faltas leves repetidas, idem, por seis dias, no mínimo; faltas graves, vinte e cinco chibatadas, no mínimo."

As punições afetavam principalmente os marujos, como já dito acima, em sua maioria, negros ou mulatos. O alto oficialato era formado por homens brancos vindos da alta classe, muitos com ranços do período escravagista, não questionando as punições dadas aos marujos. O objetivo da punição seria disciplinar os indisciplinados, entretanto com modernização do sistema de produção e os avanços sociais dos sindicatos nas fabricas, esta forma de punir o faltoso entrou em desuso ao final do século XIX. Na Espanha foi abolida em 1823; na França, em 1860; nos Estados Unidos, em 1862; e na Grã-Bretanha, em 1881.

Alguns eventos ocorridos entre 1890 e 1990, amostram a velocidade das mudanças no período:

- 1891 – Segunda Constituição brasileira, a primeira promulgada por uma Assembleia Constituinte, ao qual não existe referencia a punição dos marujos;
- 1894 – Prudente de Moraes assumi o cargo de Presidente da República, primeiro presidente civil do Brasil;
- 1896 – O francês Pierre de Fredy, Barão de Coubertin, retoma os jogos Olímpicos em Atenas;
- 1896/1897 – Revolta de Canudos, do líder messiânico Antônio Conselheiro, na Bahia;



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

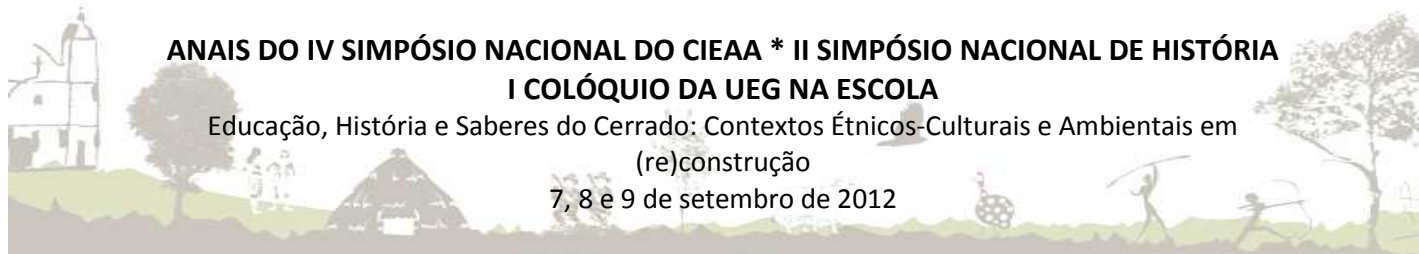
- 1900 – Exposição Universal, também conhecida como Feira Mundial realizada em Paris, França.
- 1900 – Criação da Fundação Nobel, que no ano seguinte entregaria o seu primeiro prêmio;
- 1902/1906 – Nomeação de engenheiro Francisco Pereira Passos para a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro pelo presidente Rodrigues Alves, durante seu mandato, Pereira Passos transformara a Capital Federal.
- 1903 – Incorporação do Acre ao Brasil;
- 1904 – Revolta da Vacina, contra a obrigatoriedade da vacinação;
- 1905 – Revolta do Encouraçado Potemkin.
- 1906 – Santos Dummont realiza o primeiro voo público do 14-Bis, em Paris;
- 1907 – Batimento da quilha do encouraçado Minas Geraes no estaleiro Sir W. G. Armstrong Whitworth & Co Ltd (Elswick, Newcastle upon Tyne, na Inglaterra);

Os fatos citados acima demonstram as transformações desde final do século XIX e início do século XX. A Marinha do Brasil se encontrava em um estado de atraso imenso. As naves brasileiras ainda eram da época do Império, ultrapassadas. O governo do presidente Rodrigues Alves encomendou em 1906 ao estaleiro inglês três navios encouraçados da “Classe Dreadnought” para modernizar a frota. Apenas dois foram entregues, o *E. Minas Gerais* e *E. São Paulo*. Durante os anos de 1908 e 1909, marinheiros brasileiros estiveram na Grã-Bretanha acompanhando o término da construção e navio e aprendendo, com os marinheiros ingleses, a conduzir as novas naves. Entre estes, estava o marinheiro de Primeira Classe, na hierarquia da Marinha do Brasil, posto logo abaixo de cabo, João Candido Felisberto.

Os marinheiros conheceram um mundo diferenciado, onde as punições físicas não existiam e, assim de tudo, tomaram conhecimento da revolta que ocorrera na marinha russa, no encouraçado Potemkin, por melhores condições de trabalho. A semente da Revolta da Chibata estava plantada e teria em João Candido, seu mentor.

Em 15 de novembro de 1910, assumira o cargo de Presidente do Brasil Hermes da Fonseca. Em 16 de novembro, o marinheiro Marcelino Rodrigues Menezes foi punido por ter cometido uma falta grave de subir a bordo da nave com “cachaça” e por ter ferido o cabo que o havia deletado. A punição foi acima do esperado, o que deveria ser vinte e cinco chicotadas,





**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

foi elevada para duzentas e cinquenta chibatadas no convés a frente de todos os marinheiros cinco dias após o incidente.

Ao que tudo indica, esta sublevação já estava sendo tramada, porém a punição dada ao marinheiro Marcelino Rodrigues adiantou o que havia sido preparado. Em 22 de novembro, João Candido lidera o levante no Minas Gerais, unindo em seguida o encouraçado São Paulo, que também havia sido construído na Grã-Bretanha, o encouraçado Deodoro, o cruzador Bahia e quatro embarcações menores.

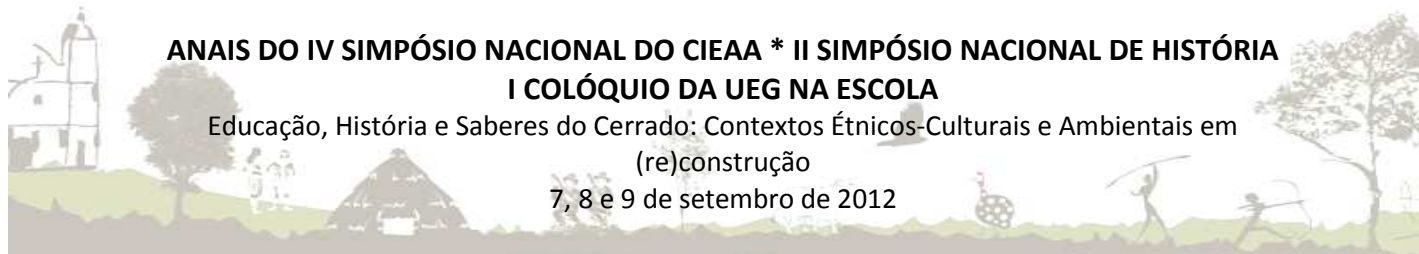
As negociações iniciaram por meio do telegrafo, ao qual o governo esta irredutível em sua posição de não negociar com rebeldes. Para demonstrando o poder de força e de fogo, João Candido ordena bombardear o Palácio do Catete, sede do Poder Executivo e a Câmara dos Deputados, localizado na época na Rua da Misericórdia. As reivindicações dos rebeldes são:

“Não queremos a volta da chibata. Isso pedimos ao presidente da República e ao ministro da Marinha. Queremos a resposta já e já. Caso não tenhamos, bombardearemos as cidades e os navios que não se revoltarem”

Em 26 de novembro o presidente Hermes da Fonseca aceita as reivindicações dos amotinados. Castigos físicos são abolidos e todos os revoltosos ganham a anistia. Os marinheiros, acreditando em seu comandante maior, entregam os navios aos oficiais. Durante os quatro dias de sublevação, o saldo de mortos encontrava-se em três oficiais e três marinheiros.

A desconfiança reinava entre oficiais e marinheiros, tanto que no dia 28 de novembro, graças a um novo decreto do presidente era permitia a Marinha do Brasil expulsar marinheiros sob a justificativa de serem “inconvenientes à disciplina”.

Após dias tensos, em 09 de dezembro, uma nova revolta ocorre na Ilha da Cobra, realizado pelos os fuzileiros navais. Esta sublevação é bombardeada pelos navios do governo. No dia seguinte é decretado estado de sítio na Capital Federal. João Candido é expulso da Marinha e aprisionado na Ilha da Cobra com mais 17 marinheiros da revolta original. Com a intensão de eliminar estes revoltosos, foi lançado sobre eles um base de cal virgem com água, para sufoca-los. João Candido e outro marinheiro sobreviveram. Depois deste fato, João fora internado no Hospital dos Alienados.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

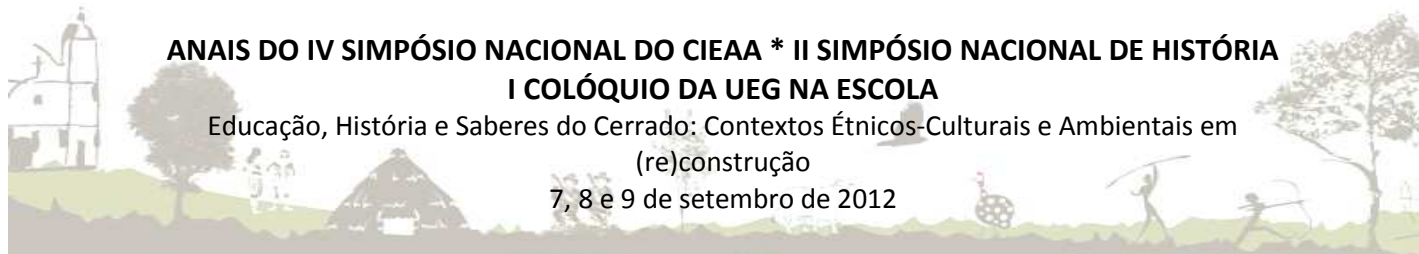
7, 8 e 9 de setembro de 2012

Em 01 de dezembro de 1912, João Candido Felisberto e outros dez companheiros da Revolta da Chibata foram absorvidos e livrados das acusações. Mas este João não seria esquecido pelos militares. Durante dez anos, o jornalista Edmar Morel pesquisou a vida de João Candido, chegando a conhecê-lo e entrevista-lo para assim contar sua versão dos fatos. Originalmente o material deveria ser publicado em algum jornal do Rio de Janeiro, entretanto acaba por se transformar em um livro, publicado em 1959. Em 06 de dezembro de 1969, aos 89 anos de idade, falece João Candido, o Almirante Negro em decorrência de um câncer.

A obra em quadrinhos *Chibata! João Candido e a revolta que abalou o Brasil* de Olinto Gadelha Neto (roteiro) e Hemeterio (arte) levou quatro anos para ser finalizado. Acompanhamos a determinação de Morel em procurar saber quem foi João Candido, tendo assim dois heróis em momentos distintos, Candido e Morel.

Muitos jornalistas tentaram publicar a versão do Almirante Negro, sem sucesso. Segundo a obra, Morel é convidado para ouvir os relatos de João Candido, um interno do Hospício da Praia Vermelha, local onde o líder rebelde se encontrava e relatava seus dias de revolta para enfermeiras, guardas, pessoas da limpeza ou internos. Antes de sair do jornal ao qual trabalha, um colega avisa o jovem jornalista do que acontece com quem deseja publicar a Revolta. O jornalista que procura avisar Morel dos perigos de trazer o fato ao grande público por conta da perseguição da Marinha é categórico: “Eles (a Marinha do Brasil) podem não ter matado o homem, mas sem dúvida mataram sua lembrança” é avisado dos riscos ao publicar a versão de João Candido.

*Chibata! João Candido e a revolta que abalou o Brasil* nos apresenta não apenas os dias da revolta ou o tempo que o Almirante Negro permaneceu nos hospitais de doentes mentais. Temos uma biografia, da infância no Rio Grande do Sul, onde aprendeu a ler e escrever e posteriormente sobre a maldade nas ações de um menino branco contra um negro ao encontro com o E. Minas Gerais. Um dos detalhes que mais pode chamar atenção é o medo que a Marinha tinha de sua figura. O próprio João brinca ao falar das vezes que foi preso, simplesmente por ter feito algo contra os militares. A complicação em conseguir, ou apenas de se manter em um emprego. A frase do jornalista que avisa Morel não é apenas um avisa, mas um triste retrato da relação conflituosa que as forças militares terão com João. Não o mataram, mas nunca irão se esquecer dele. Quando explode o movimento tenentista, lá vai João Candido ser detido, mesmo sem ter alguma ligação com o movimento.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnico-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

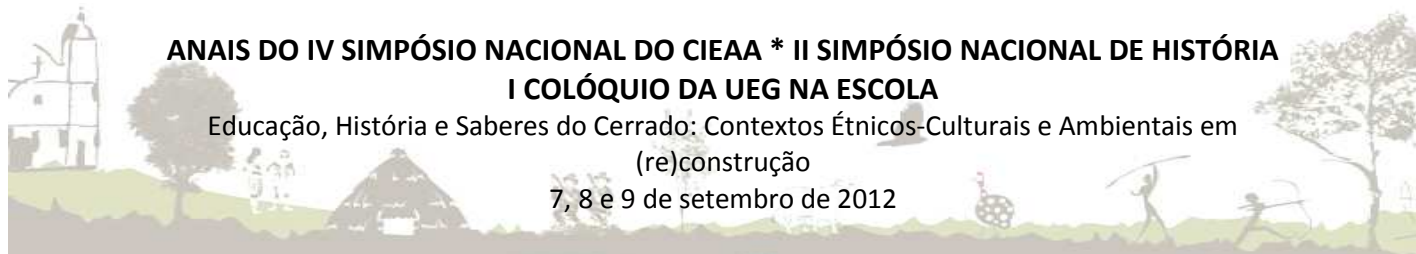
O quadrinho de Hemeterio e Gadelha busca trazer este esquecido herói de forma simples e direta. As folhas do quadrinho são pretas, a arte em algumas partes transita do cômico ao dramático, devido a cena posta ou relatada. O início de cada capítulo possui a página branca, com alguma referencia a vida de João Candido. O texto caminha entre o ficcional, quando necessário, e o factual, semelhante ao trabalho de Tardi e Vautrin.

A grande importância das duas obras é a necessidade de abordar temas que em muito não são muito colocadas em nossos livros, e quando aparecem, geralmente são em caixas separadas do texto central. Ao professor de história, é uma fantástica oportunidade para falar desta **classe subalterna que se revoltou**, sejam os marinheiros da Marinha do Brasil, seja a classe miúda de Paris. O trabalho dos artistas não ficou restrito aos relatos oficiais, busca trazer as cidades, os estilos de vida, as ruas sujas, o linguajar, os motivos das revoltas e suas conclusões, sem florear, sem ufanismo, apenas colando o que ocorreu.

Uma história em quadrinhos pode tanto ilustrar um aspecto da vida social, quanto fornecer ideias de uma comunidade largada ao tempo. Ao abordar um tema, o professor tem em suas mãos um objeto de inúmeras referencias e contextos. A arte colocada pelo artista lança discussões em sala de aula do ensino médio, onde procuramos trazer a criticidade do discente.

Quais são as partes ficcionais e quais são as partes factuais dentro de uma obra e por qual motivo os autores tiveram de fazer uso de partes ficcionais? Alan Moore em sua obra *From Hell*, na edição brasileira, acompanha ao final de cada livro, sendo um total de quatro, suas explicações, suas pesquisas e por qual motivo fez uso de partes ficcionais em certos momentos da obra. Sua colocação é clara e objetiva, “Em certos momentos, para não prejudicar a narrativa, se fez necessário tais colocações e adaptações”. Considero que este seja um grande desafio para os professores que decidem fazer uso dos quadrinhos em sala de aula. Esta liberdade dos autores, pois não são pesquisadores e não estão fazendo uma obra acadêmica. História em quadrinhos é antes de tudo, cultura de massa. Sua intenção inicial é entreter o leitor com uma boa narrativa gráfica e textual. Ao retratar um evento factual, os autores ficam presos, se assim desejarem, aos relatos e escritos oficiais.

Quebrando esta estrutura factual, Frank Miller em sua obra *300*, no Brasil *300 de Esparta*, quebrou esta colocação ao falar abertamente que não estava preocupado em abordar o tema de forma histórica e precisa. Sua intenção esta em narrar uma aventura, com toda a liberdade que um artista possui. Podemos colocar a *O Grito do Povo*, nesta mesma estrutura,



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

visto que o romance não procura trazer personagens reais, mas sim ficcionais. A grande diferença parte do ponto que não existe uma alteração em momento algum dos fatos. Diferente da obra de Frank Miller que existem alterações com o sentido explícito de narrar o fato, sem preocupação com a veracidade. Leonidas e seus homens tombam ao final da obra, mas muitos fatos e personagens são posto de maneiras distorcidas, como a imagem do imperador Xerxes.

**A classe subalterna se revoltou**, busca dias melhores, buscando eliminar as diferenças sociais entre ricos e pobres, entre marujos e oficiais. Ao encerrar as duas obras, observamos o continuar de tudo. Alguns *comunnard* conseguiram sobreviver ao massacre, poucos na verdade. João Candido pode se despedir de seu navio, E. Minas Gerais. As suas queixas acabaram sendo ouvidas, seus objetivos sendo atendido e o esquecimento que tanto tentaram apagar estas memórias foi anulado.

## **BIBLIOGRAFIA**

ADORNO, T. (et. ali). *Teoria da cultura de massa, comentários e seleção de Luiz Costa Lima* – São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ADORNO, T. *Indústria de massa e sociedade* – São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALVES, A. *Conexão com a História / Alexandre Alves, Letícia Fagundes de Oliveira*. – 1. ed. – São Paulo: Moderna, 2010.

AQUINO, R. *História das sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais*. Aquino, R. Lopes, Franco, D. & Alvarenga, J. – Rio de Janeiro: Record, 2001.

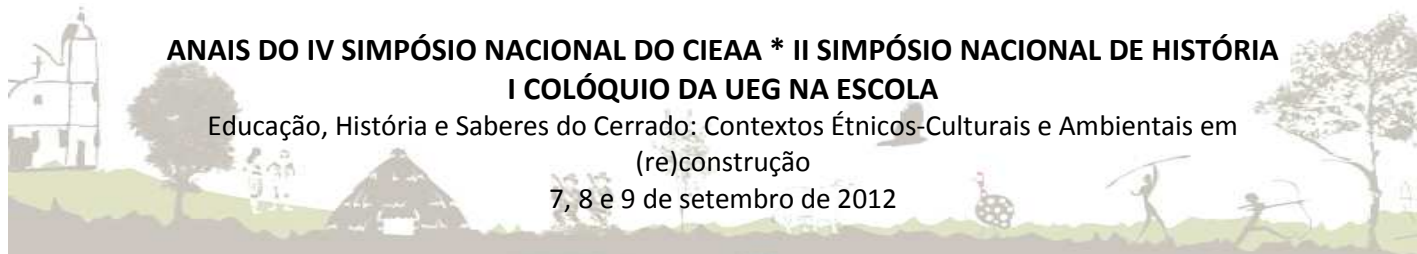
AZEVEDO, G. C. *História em movimento: ensino médio* / Gislane Campos Azevedo, Reinaldo Seriacopi – São Paulo: Ática, 2010.

BARBOSA, A. & VERGUEIRO, W. (org.) *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula* – São Paulo: Contexto, 2004.

BURKE, P. *Testemunha ocular* – São Paulo: EDUSC, 2004.

CAMPOS, F. *Escrita da história: ensino médio : volume único* / Flavio de Campos e Renan Garcia Miranda. – 1. ed. – São Paulo: Escala Educacional, 2005.

CIRNE, M. *Quadrinhos, sedução e paixão* – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

COTRIM, G. *História Global – Brasil e Geral* – volume único / Gilberto Cotrim. – 8. ed. – São Paulo : Saraiva, 2005.

ECO, U. *Apocalípticos e integrados* – São Paulo: Perspectiva, 1979.

EDGAR, A. & SEDGWICK (org.), *Teoria cultural de A à Z* – São Paulo: Contexto, 2003.

EISNER, W. *Quadrinhos e arte seqüencial* – São Paulo: Devir, 2001.

EISNER, W. *Narrativas gráficas* – São Paulo: Devir, 2005.

HEMETERIO e GADELHA, O. *Chibata! João Candido e a revolta que abalou o Brasil* – São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2008.

LUKÁS, G. *A teoria do romance* – São Paulo: Duas Cidades Editora, 2000.

MAYER, A. *A força da tradição: A persistência do Antigo Regime* – São Paulo: Companhia das letras, 1987.

MCCLOUD, S. *Desvendando os quadrinhos* – São Paulo: M. Brooks do Brasil Editora Ltda, 2005.

MOTA, M. *História: das cavernas ao terceiro milênio* / Myriam Becho Mota, Patrícia Ramos Braick. – 1.ed – São Paulo: Moderna, 2005.

MOYA, Á. *Shazam!* – São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

MOYA, Á. *História das histórias em quadrinhos* – São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

PELLEGRINI, M. *Novo olhar história* / Marcos Cesar Pellegrine, Adriana Machado Dias, Keila Grinberg – 1. ed. – São Paulo: FTD, 2010. (Coleção novo olhar; v. 3)

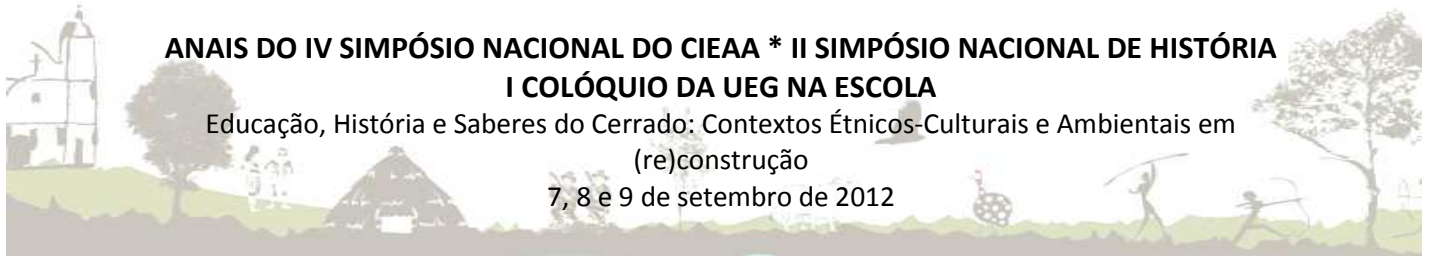
PERROT, M. *História da vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra* / organização Michelle Perrot – São Paulo: Companhia das letras, 2009.

QUELLA-GUYOT, D. *A história em Quadrinhos* – São Paulo: Unimarco Editora, 1990.

ROSENBERG, B & WHITE, D. M. (org.), *Cultura de massa* – Cultrix: São Paulo, 1958.

TARDI, J. e VAUTRIN, J. *O grito do povo*, volume 1: Os canhões do 18 de março – São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

TARDI, J. e VAUTRIN, J. *O grito do povo*, volume 2: O testamento das ruínas – São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Sites:

Comuna de Paris:

<http://educacao.uol.com.br/historia/comuna-de-paris.jhtm>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna\\_de\\_Paris](http://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna_de_Paris)

<http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/grito-povo-comunas-paris-435140.shtml>

[http://www.lojaconrad.com.br/lojas/CONRAD/\\_Detalhes.cfm?produto=RQ16088](http://www.lojaconrad.com.br/lojas/CONRAD/_Detalhes.cfm?produto=RQ16088)

João Cândido:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o\\_C%C3%A2ndido](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_C%C3%A2ndido)

Revolta da Chibata:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolta\\_da\\_Chibata](http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolta_da_Chibata)